

Templo da sabedoria

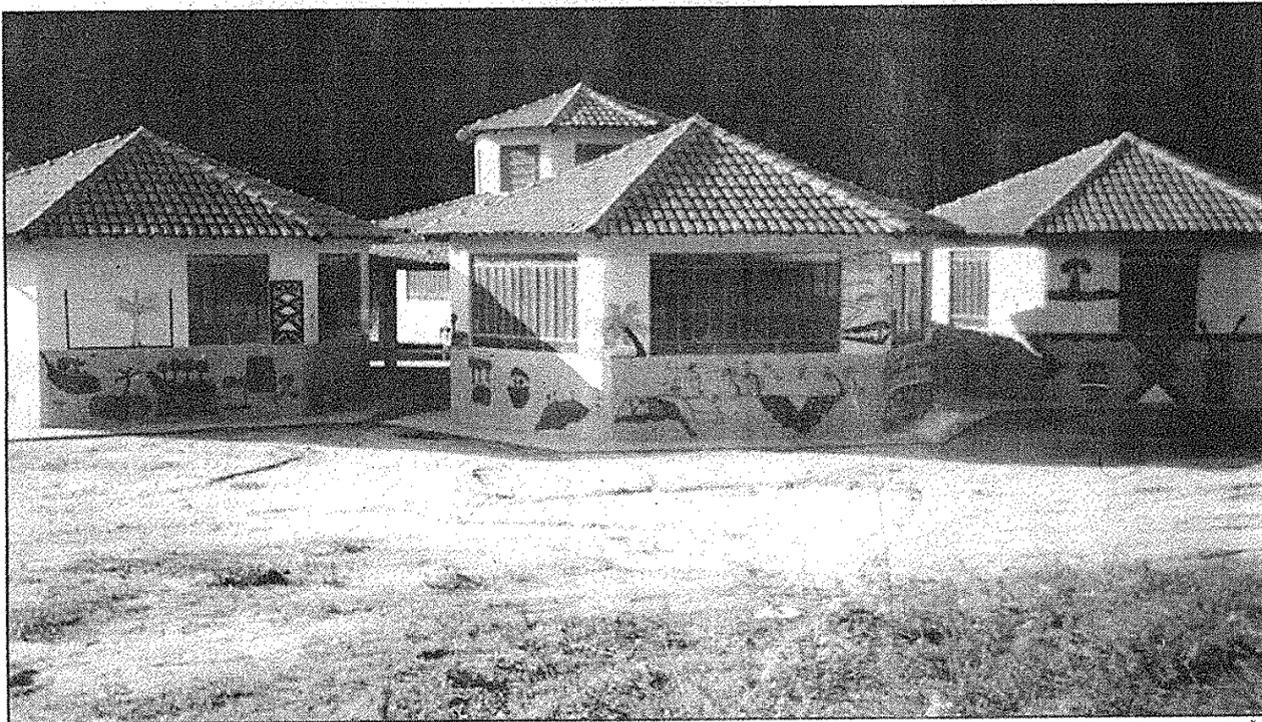
► Índios Pataxó projetam escola para resgatar os costumes, a cultura e as tradições

TACYANA ARCE

Bacumuxá. Em Pataxó a palavra significa "árvore da sabedoria". Em Carmésia, a 220 quilômetros de Belo Horizonte, é o nome de uma escola indígena que o secretário de Estado da Educação, Murílio Hingel, inaugura hoje. Não é uma inauguração comum. Bacumuxá é mais do que um simples prédio escolar. Suas características especiais não se limitam a sua arquitetura peculiar, projetada pelos próprios índios. Os Pataxó pretendem transformar Bacumuxá num verdadeiro centro de reconstrução da cultura, religião e costumes do seu povo, perdidos nos 500 anos da história do Brasil.

Na prática, a Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá já existe há alguns anos, funcionando em prédios improvisados. Assim como os Pataxó, os Krenak, Xakriabá e Maxakali, povos indígenas que vivem em Minas Gerais, também estão conquistando, aos poucos, o direito à educação diferenciada. O primeiro povo a conseguir um prédio escolar especialmente traçado para atender seus costumes foi o Maxakali. O projeto da escola para o povo Xakriabá já está quase pronto. Em seguida, será a vez do povo Krenak.

Os Pataxó não quiseram esperar a burocracia estatal. A escola não estaria sendo inaugurada hoje se eles continuassem esperando a construção via orçamento do Estado. Dispostos a sair do prédio velho onde se amontoavam 6 professores e 107 alunos, convenceram a prefeitura de Carmésia, município sede da reserva indígena, a estabelecer um convênio com a Secretaria de Estado da Educa-



DESENHADO PELOS índios, o prédio foi construído através de uma parceria entre Estado e prefeitura de Carmésia

ção. Foi a prefeitura que se responsabilizou pela maior parte da construção da escola, inclusive a "tradução" do desenho do formato da escola, feito pelos índios, para um projeto de engenharia.

Respeito

Os índios conseguiram, inclusive, o respeito às suas diferenças históricas. Em Carmésia, o povo Pataxó divide-se em duas aldeias, distantes a apenas um quilômetro uma da outra, mas com características próprias. Mesmo assim, apesar do número reduzido de alunos, prefeitura e Estado resolveram construir duas escolas. No prédio localizado na sede da Funai, o pátio central é circundado por seis

construções hexagonais, onde vão funcionar as salas de aula, sala de cultura e alojamentos. Na escola da aldeia do Retirinho, são oito construções hexagonais. Uma delas vai abrigar a biblioteca.

O toque final dos prédios ficou por conta das mãos hábeis indígenas, que se destacam pela produção do artesanato. Nas paredes, os pataxó pintaram figuras que lembram seu passado. Originários do sul da Bahia, onde perderam espaço para as plantações de coqueiros e empreendimentos imobiliários, ainda sentem falta do mar. Não é à-toa que que em suas pinturas sempre há espaço para um grande espelho d'água, circundado por coqueiros, onde o sol inclementemente deixa sua marca.

Lua cheia abençoa ritual de inauguração

Apesar de não ser lua nova, como rezam as tradições Pataxó, na aldeia do Retirinho a inauguração da escola será acompanhada pelo canto da lua "para iluminar mais os nossos caminhos e mostrar à toda a sociedade o valor da escola indígena", explica Kanátio Pataxó, um dos professores de Bacumuxá. Além disso, também vão realizar o ritual da alegria, "porque para a gente a escola é muito importante e motivo de muita satisfação. A escola é uma ponte, que liga nosso mundo ao mundo do homem branco", explica.

Em Bacumuxá, os indiozinhos vão aprender "em primeiro lugar a viver em comunidade. Vão aprender como tratar as florestas, onde extrair comida, como fazer remédio, como tratar os mais velhos e os demais membros da comunidade. Vão também aprender a língua. Na verdade, só umas frases. A gente não sabe mais falar a língua, mas estamos fazendo de tudo para lembrar. E a gente acha que na escola a gente vai conseguir", conta Kanátio, entre triste e esperançoso.

Depois, os índios passam a aprender o conteúdo das escolas tradicionais. "A gente só é formado para ensinar até a 4ª série. Depois disso, nossas crianças têm que ir para a cidade. Então, elas precisam saber o Português, a Matemática, a História e a Geografia. Mas a gente explica isso do nosso jeito", conta.

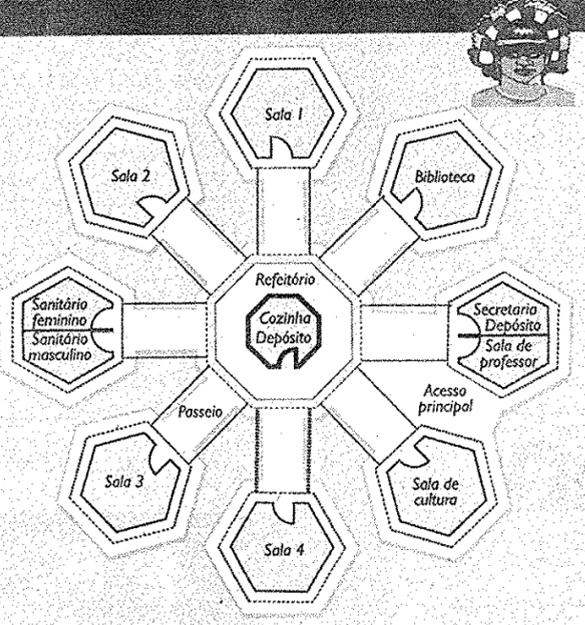
"Nós não temos material didático como a escola de homem branco. O maior livro que temos é o professor de cultura, nosso cacique Mongangá. É ele que ensina os conhecimentos antigos. Se uma criança sai para o mato buscar madeira para fazer uma gamela, ela precisa saber a lua certa e a madeira certa, senão a gamela vai rachar. Aí ela já aprendeu Ciências e Economia", diz o professor.

Segundo Kléber Gesteira, técnico do programa de Educação Indígena da SEE, a construção de um prédio diferenciado é muito significativa para os Pataxó, assim como os demais povos indígenas. "A escola é uma instituição estrangeira para qualquer índio. Lentamente eles estão tomando conta dela, utilizando-a para recuperar um pouco da memória histórica, reconstruindo a cultura. Isso é tão importante para eles, que não quiseram uma escola nos padrões de construção tradicionais. Quiseram algo que tivesse a ver com o passado deles, ou com o que imaginam que seja seu passado".

É um pioneirismo mineiro que os próprios índios reconhecem e agradecem. "A gente ainda tem muita conquista pela frente. Queremos que nossas crianças tenham educação infantil e também de 5ª a 8ª própria aldeia. Mas a gente é agradecido, porque nos outros estados os índios não são tão respeitados", finaliza.

Arquitetura de índio

Não basta ser escola, tem que fazer sentido na vida dos índios Pataxó. Por isso, a Escola Indígena Bacumuxá não se parece com os prédios escolares construídos nas cidades. Foi desenhada pelos próprios índios, que resolveram imitar os antepassados. Houve um tempo que os índios Pataxó levavam toda a família para as expedições de caçada. Para dormir, construíam uma grande cabana circular onde colocavam mulheres e crianças. Ao redor desse grande círculo, construíam pequenas cabanas. Assim, protegiam sua prole. Mais do que prover o alimento da estação, as expedições de caçada eram também momentos de aprendizagem, onde os mais velhos ensinavam às crianças os costumes, a cultura, religião. Foi por isso que os índios resolveram adotar a mesma arquitetura para a escola. Nela está depositada toda esperança de resgate da identidade Pataxó.



Termina a peregrinação das gestantes

FABIANA LEMOS

Evitar as constantes peregrinações em busca de maternidades e garantir às gestantes um parto seguro. Foi com esse objetivo que a Secretaria Municipal de Saúde (SUS) avaliou, durante todo o ano passado, a qualidade

do atendimento das diversas maternidades conveniadas ao SUS-BH. De 16 hospitais, cinco não atingiram qualificação exigida e, desde o ano passado, tentam se ajustar às normas (veja quadro).

Falta de equipamentos, inexistência de plantão pediátrico ou de enfermagem 24 horas, ta-

xas altas de mortalidade e assistência inadequada ao parto foram alguns dos problemas encontrados pela Comissão Perinatal e pela Coordenação de Atenção à Criança da SMS. Para reverter o triste diagnóstico, foi lançado ontem o Projeto Global de Melhoria da Qualidade da Assistência Perinatal em Belo Horizonte. O programa prevê atendimento orientado às gestantes que utilizam a rede SUS. Por mês, são realizados 2.400 partos na rede.

A capital mineira tem um alto índice de mortalidade neonatal (até os 28 dias de vida). Dados de 1997 indicam 17 óbitos por mil nascidos vivos. O número se torna assustador quando comparado ao índice de mortalidade infantil do Chile (entre bebês de até um ano de idade) que é de 11 óbitos por mil nascidos vivos.

Também a mortalidade materna é elevada. Em 1997, foram 79,7 óbitos por 100 mil nascidos vivos. A Organização Mundial de Saúde considera aceitável até 20 óbitos numa população de 100 mil. "O fato é que grande parte das mortes é considerada evitável, quando são oferecidas condições adequadas de gestação além de um parto bem assistido", diz a pediatra e membro da Coordenação de Atenção à Criança, Sônia Lansky.

ção de Atenção à Criança, Sônia Lansky.

A partir deste ano, o atendimento materno-infantil nos centros de saúde também será avaliado. A própria gestante deve verificar se está recebendo assistência de qualidade. Segundo Sônia Lansky, a gestante deve procurar o centro de saúde mais próximo de sua residência, onde receberá o cartão de pré-natal, um documento que registra toda a gravidez. Além disso, a futura mãe ganha uma "bolsa gestante" com folhetos de orientação e a lista dos exames a que tem direito.

No centro de saúde são feitos os primeiros testes e uma avaliação do grau de risco da gestação. "Se a paciente é considerada de alto risco, a equipe do centro de saúde aciona a Central de Marcação de Consultas, que irá agendar o pré-natal em uma das maternidades de referência para alto risco, onde a mulher será examinada e terá seu bebê", explica.

Os centros de saúde têm capacidade para realizar 70% dos exames de pré-natal. Quando a gestação evoluir sem complicações, a paciente é atendida no centro próximo a sua residência e sairá das consultas com a guia para internação numa das maternidades conveniadas ao SUS.

Parto seguro

Em busca da melhoria do atendimento materno-infantil, a SMS definiu as maternidades qualificadas para atender as gestantes.

As gestantes serão encaminhadas:

- Parto de risco/risco habitual
- Maternidade Odete Valadares
- Hospital das Clínicas
- Santa Casa
- Hospital Odilon Behrens
- Júlia Kubitschek
- Risco Habitual
- Hospital Evangélico
- Sofia Feldman
- Mater Clínica
- Felício Rocho
- Dom Bosco
- Santa Lúcia

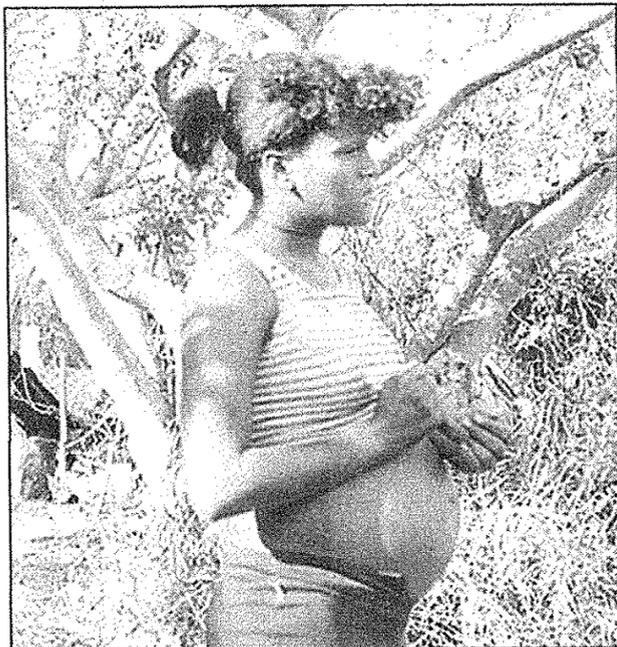
Não receberão gestantes por enquanto:

- René Guimarães
- Frederico Ozanan
- Policlínica Renascença
- AMH

** Estão em processo de qualificação

Descredenciada

- Ernesto Gazzoli



PACIENTES RECEBERÃO assistêncl. até depois do parto